

HISTÓRIAS DE VIDA EM PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA: CIRCUITO QUE INCLUI TEMPOS, LUGARES E AUTORREGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM

■ ANA MARGARIDA DA VEIGA SIMÃO

<http://orcid.org/0000-0003-3652-5573>

Universidade de Lisboa

■ LOURDES MARIA BRAGAGNOLO FRISON

<http://orcid.org/0000-0001-6671-5808>

Universidade Federal de Pelotas

RESUMO

Nossa proposta ao escrever este artigo foi buscar entender o tempo/lugar biográfico que inclui, no tempo da narrativa, o tempo objetivo e o tempo subjetivo. Esses tempos são vividos por educadores que percebem o seu tempo/lugar de diferentes maneiras, mas que, para eles, se constitui em um tempo/lugar de realizações, as quais influenciam reflexões que permitem ao sujeito aprender sobre si e sobre seu fazer, entendimento esse relevante para a autorregulação de ações direcionadas a uma vida mais profícua e feliz. Estabelecemos, dessa forma, um elo entre narrativas em histórias de vida, (auto)formação e autorregulação da aprendizagem, uma vez que, no percurso da vida, as pessoas encontram desafios, tensionamentos, alegrias e preocupações, os quais, ao serem narrados reflexivamente, contribuem para entender as vivências, desafios e obstáculos de ordem pessoal/profissional e para autorregulá-los. Essas dimensões foram por nós empiricamente observadas mediante o estudo da história de vida de uma destacada educadora/pesquisadora sul-rio-grandense – Maria Helena Menna Barreto Abrahão – realizado, tendo como fontes de análise narrativas a respeito dessa educadora/pesquisadora em publicações de ex-orientandos, colegas e amigos, além do próprio memorial por ela publicado, marcado pela reflexão sobre percursos pessoais, profissionais vividos e práticas de (auto)formação vivenciadas segundo tempos/lugares biográficos que lhes imprimem significado.

Palavras-chave: Histórias de vida. Tempo/lugar biográfico. Autorregulação da aprendizagem.

ABSTRACT **LIFE STORIES IN BIOGRAPHICAL RESEARCH: A CIRCUIT THAT INCLUDES LEARNING TIME, ENVIRONMENT AND SELF-REGULATION**

Our purpose in writing this article was to seek to understand the biographical time/place that includes, in narrative time, the objective time and the subjective time. These times, which are experienced by educators who perceive their time/place in different ways, but for them constitute a time/place of achievement, which influence reflections that allow the subject to learn about himself and his doing. This understanding is relevant to the self-regulation of actions directed to a more productive and happy life. Thus, we establish a link between narratives in Life Stories, (self) formation and self-regulation of learning, since in the course of life people encounter challenges, tensions, joys and preoccupation, which, when narrated reflexively, contribute to understand the experiences, challenges, personal/professional obstacles and self-regulating them. These dimensions were empirically observed by us through the study of the History of Life of a distinguished educator/researcher from Rio Grande do Sul – Maria Helena Menna Barreto Abrahão – based on narrative sources about this educator/researcher in former publications by former students, colleagues and friends, in addition to the memorial published by her, marked by reflection on personal pathways, lived professionals and practices of (self) training experienced according to biographical times/places that give her meaning.

Keywords: Life stories. Biographical time/place. Self-regulation of learning.

RESUMEN **HISTORIAS DE VIDA DE INVESTIGACIÓN BIOGRÁFICA: CIRCUITO QUE INCLUYE TIEMPOS DE APRENDIZAJE, LUGARES Y AUTORREGULACIÓN**

Nuestro propósito al escribir este artículo fue tratar de comprender el tiempo/lugar biográfico que incluye el tiempo narrativo, el tiempo objetivo y el tiempo subjetivo. Estos tiempos, que son experimentados por educadores que perciben su tiempo/lugar de diferentes maneras, pero para ellos, constituyen un tiempo/lugar de logro, que influyen en las reflexiones que permiten al sujeto aprender sobre sí mismo y su acción. Esta comprensión es relevante para la autorregulación de acciones dirigidas a una vida más productiva y feliz. Por lo tanto, establecemos un vínculo entre las narrativas en Historias de vida, (auto)formación y autorregulación del aprendizaje, ya que, en el

curso de la vida, las personas enfrentan desafíos, tensiones, alegrías y preocupaciones que, cuando se narran reflexivamente, contribuyen para comprender las experiencias, desafíos, obstáculos personales/profesionales y autorregularlos. Observamos empíricamente estas dimensiones a través del estudio de la Historia de la Vida de una distinguida educadora/investigadora de Rio Grande do Sul - Maria Helena Menna Barreto Abrahão - basada en fuentes narrativas sobre esta educadora/investigadora en publicaciones anteriores de ex alumnos, colegas y amigos, además del propio memorial publicado por ella, marcado por la reflexión sobre caminos personales, profesionales vividos y prácticas de (auto)formación experimentadas de acuerdo con los tiempos/lugares biográficos que le dan significado. **Palabras clave:** Historias de vida. Tiempo/lugar biográfico. Autorregulación del aprendizaje.

Pesquisar em histórias de vida é participar da reconstrução da memória de vivências narradas ao pesquisador. As histórias de vida, nessa acepção, contribuem para que os sujeitos da narração ressignifiquem acontecimentos e recriem fatos da memória individual e coletiva trilhados em suas vidas, delineados por marcas construídas numa relação intrapessoal, consigo mesmo e, interpessoal, estabelecida na relação com o outro. Em pesquisa, trata-se da (re)construção narrativa mediante um processo peculiar de intercâmbio entre pesquisador e narrador, que implica a enunciação e a escuta atenta, visando uma partilha reflexionada (ABRAHÃO, 2004).

O sujeito, ao narrar sua vida, relaciona fatos e acontecimentos a um contexto específico e, ao fazê-lo, a transforma em uma história de vida, mediante uma construção partilhada com o pesquisador. Nessa configuração, o sujeito da narração discorre como ele compreende a própria trajetória, como se constitui, transforma-se e envolve o outro que escuta; assim, ao relatar sua vida, o sujeito também se constrói, abrindo possibilidades para que o interlocutor possa compreendê-la, o qual também se

transforma nesse processo. Ao mapear tempos e lugares que cada um traz em suas lembranças, ambos o fazem inseridos em um contexto sócio-histórico-cultural. Assim, o sujeito que narra e o sujeito que escuta envolvem-se em movimento reflexionado com as experiências vividas e construídas em um percurso de tempo/lugar.

Nesse processo, entendemos que o pesquisador, por sua vez, busca articular teoria e prática com base nos dados narrados, os quais oportunizam contribuições para repercussões teóricas, mas também são considerados, por nós, como modos do agir humano em pesquisa que nos inspiram e agregam valor a nossa existência.

No âmbito das Ciências Humanas e Sociais, Josso (2002), no livro *Experiências de vida e formação*; Souza (2006), no capítulo "Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas"; e Abrahão (2004), no capítulo "Pesquisa (auto)biográfica – tempo, memória e narrativas" pontuam que as narrativas (auto)biográficas, especialmente as histórias de vida, são um potente recurso metodológico em pesquisa qualitativa, em especial

quando o pesquisador preocupa-se em compreender o narrador como arquiteto da própria vida. Entendemos que a teoria formulada por esses pesquisadores funciona na acepção de instrumento metodológico, com o qual é possível operar compreensivamente processos que marcam fatos de uma existência e, na interlocução com o sujeito da narrativa, imprimir-lhes sentido. Na construção de histórias de vida, investigamos a própria história marcada pela reflexão dos percursos pessoais, profissionais vividos e das práticas de (auto)formação e de autorregulação da aprendizagem.

Ao trabalhar com a metodologia de histórias de vida, todos os ângulos relacionados à pessoa são importantes, sejam eles relativos a aspectos vivenciais, relacionais, formativos ou profissionais, demarcados ou não por incidentes críticos, os quais, a partir da reflexão, contribuem para analisar as fases críticas vividas ao longo da vida (BOLÍVAR, 2012). Josso (2002) conceitua esses fatos críticos como momentos charneira. Aquele que narra sua história traz à tona momentos em que se confronta consigo mesmo.

A história de vida constitui-se em um modo próprio de investigação, porque se refere à trajetória de vida de um sujeito, reconstruída por meio da escuta reflexiva de um relato, concedido ao pesquisador como “palavra dada” (MARINAS, 2007). Nessa linha, entendemos que o relato de vida comporta dimensões pessoais/sociais (o sujeito que narra) e dimensões sociais/pessoais (o sujeito que escuta). Os tempos/lugares da narrativa comportam a experiência de vida e formação, vinculando a produção de sentido e conhecimentos emergidos das experiências vividas pelos sujeitos da narração (JOSSO, 2002).

Nossa proposta para este artigo é buscar entender o tempo/lugar biográfico que inclui no tempo, da narrativa, o tempo objetivo e o tempo subjetivo. Esses tempos são vividos por

educadores que percebem o seu tempo/lugar de diferentes maneiras, mas que, para eles, se constitui num tempo/lugar de realizações, as quais influenciam reflexões que permitem ao sujeito aprender sobre si e sobre o seu fazer, entendimento esse relevante para a autorregulação de ações direcionadas a uma vida mais profícua e feliz. Estabelecemos, dessa forma, um elo entre narrativas em histórias de vida e formação, (auto)formação e autorregulação (ABRAHÃO; FRISON, 2010, 2012a, 2012b; ABRAHÃO; PASSEGGI, 2012; FRISON, 2017; VEIGA SIMÃO, 2012), uma vez que, no percurso da vida, as pessoas encontram desafios, tensionamentos, alegrias e preocupações, os quais, ao serem narrados reflexivamente, contribuem para entender as vivências, desafios e obstáculos de ordem pessoal e profissional e para autorregulá-los (ABRAHÃO; FRISON, 2012a, 2012b; FRISON; ABRAHÃO, 2019; VEIGA SIMÃO; FRISON, 2013).

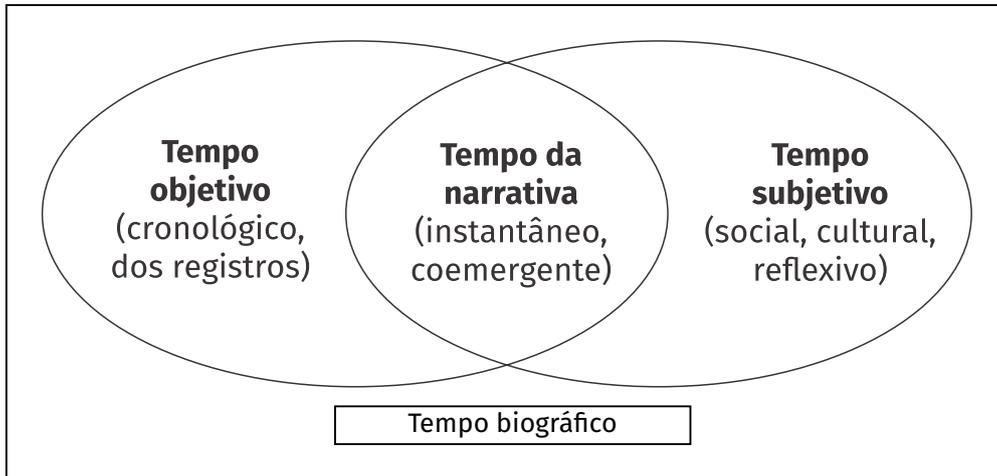
Essas vivências impregnadas de sentimentos ou tensionamentos estão, na maioria das vezes, relacionadas com a lembrança de fatos que aconteceram em um determinado lugar e em um espaço de tempo. Definimos lugar como o encontro com a experiência, algo que lhe confere sentido e significado. Assim, o lugar passa a ser singular, com representações importantes e subjetivas para quem o descreve, marcado por um tempo singular vivido.

Ao tentarmos entender a temporalidade, percebemos, segundo Honório Filho e Erbs (2018), que há o tempo objetivo (cronológico, tempo dos registros); o tempo subjetivo (social, cultural, reflexivo); e, da intersecção destes dois tempos, o tempo da narrativa (instantâneo, coemergente, interativo, único, sem possibilidade de reprodução). Ricoeur (1995) sintetiza esses tempos considerando: tempo presente/presente, presente/passado, presente/futuro. Delory-Momberger (2008) destaca o tempo biográfico, ou o tempo do ato de biografização.

Honório Filho e Erbs (2018) apresentam essa síntese na Figura 1, na qual destacam os

tempos num movimento constante de interação e emergência de sentidos.

Figura 1 – Tempo biográfico



Fonte: Honório Filho e Erbs (2018, p. 237).

A “temporalidade biográfica da experiência e da existência está fortemente relacionada com a dimensão tempo” (DELORY-MOMBERGER, 2012b, p. 72), por se “mostrar como a inscrição forçosamente singular da experiência individual em um *tempo biográfico* que se situa na origem de uma percepção e de uma elaboração peculiar dos espaços da vida social”. Esse tempo biográfico é marcado por fatos e cenas do tempo vivido, tempo e espaço revelados na interação entre pesquisador e entrevistado (HONÓRIO FILHO; ERBS, 2018).

Nessa ótica, entendemos esse tempo impregnado dos lugares vividos em duas distintas dimensões – tempo e lugar – e, ao fazê-lo, eles se revelam momentos marcantes do que as pessoas fazem, fizeram, onde vivem, viveram e em que tempo se projetam, projetaram. Ao ler o tempo, revisitam-se fatos e lugares onde foram vividos, rememora-se o que marcou ou marca a existência de quem compõe a própria história de vida. Assim, entendemos a temporalidade destacando que o tempo objetivo é construído cronologicamente e por meio de registros. O tempo subjetivo permeia a vida, o cotidiano que se dá nas relações familiares, sociais e culturais. O tempo da narrativa é a

intersecção destes dois tempos, objetivo e subjetivo, compondo a história de vida de uma existência.

O tempo da narrativa, por ser algo que acontece na interatividade, é único, não tem a possibilidade de ser reproduzido na sua integralidade. Honório Filho e Erbs (2018) definem, como Delory-Momberger (2008), que o conjunto desses tempos é o tempo biográfico ou o tempo do ato de biografização, que se interliga com “um presente de coisas passadas, um presente de coisas presentes e um presente de coisas futuras”. Honório Filho e Erbs (2018) destacam ainda que há entre eles um movimento constante de interação e emergência de sentidos.

Para Delory-Momberger (2008), a biografização traz em si vínculos entre biografia e educação. O “fato biográfico é entendido como um ato de linguagem, pelo qual o narrador se apropria da palavra para falar de si” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 36). Mediante histórias de vida, buscamos compreender o processo de biografização, destacando por meio de palavras ou imagens dimensões constituintes da trajetória pessoal/profissional de uma vida. Nesse exercício, a pessoa

projeta o conhecimento que tem de si, verbalizando a percepção que tem dos diferentes tempos: passado, presente e futuro. Ao fazer esse exercício, revê como um filme sua história no presente, ressignificando-a e projetando seu futuro.

O fato biográfico, segundo Passeggi, Abrahão e Delory-Momberger (2012, p. 35), é um “espaço-tempo de representação biográfica, toma do discurso narrativo seus princípios de organização e de coesão”. Nesse sentido, a construção de uma história de vida passa pela “interpretação (busca de sentido) e um trabalho de textualização (escrita ou oral), pelos quais o narrador organiza os fatos pessoais temporais de sua história (autobiografia) ou da história de outrem (biografia), mediante a apropriação de um gênero discursivo, culturalmente herdado” (PASSEGGI; ABRAHÃO; DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 35).

Abrahão (2018a, p. 318), interpretando Ricoeur, entende que “o tempo cronológico e sua correlação com o tempo da narrativa levam-nos a uma consciência histórica, em que o presente, o passado e a expectativa de futuro operam em uma perspectiva tridimensional”. Ao lermos uma história de vida, percebemos que o tempo e o espaço se revelam nas narrativas na interação entre pesquisador e pesquisado, capturados pela palavra dada e pela escuta atenta.

Diversas são as investigações apresentadas por diferentes autores que enunciam, com profundidade, questões teórico-metodológicas sobre e a partir de histórias de vida. No entanto, nossa escolha para este estudo foi reunir esforços em criar um texto que contenha uma análise reflexiva, compreensiva e teórico-metodológica alicerçada na história de vida de uma destacada educadora sul-rio-grandense: Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Intencionamos, ao fazer este cruzamento com a narrativa das vivências dessa educadora, apre-

der modos do trato (auto)biográfico de teorias e tempos/lugares específicos.

Tentaremos, portanto, com a ajuda da história de vida dessa pesquisadora, exemplificar os diferentes tempos da pesquisa (auto)biográfica vividos por ela, em diferentes contextos, lugares e tempos, que nos auxiliarão a compreender dimensões epistemológicas e teórico-metodológicas afetas a esse modo de investigação. Acreditamos que, ao fazer esse exercício, estaremos aprofundando aportes teórico-metodológicos e ao mesmo tempo compreendendo os tempos/lugares presentes em uma relevante e reconhecida história de vida.

Para tanto, destacamos algumas dimensões que pretendemos explorar: o tempo narrativo objetivo, subjetivo e intersubjetivo nas passagens de tempo vividos em determinados lugares que estão presentes na narrativa de histórias de vida de Maria Helena, colhida de seu memorial (ABRAHÃO, 2018a), além de escritos de autores sobre ela e de lembranças de fatos de nossa convivência, mediante narrativas de ex-orientandos, colegas e amigos. Escrevemos especialmente apoiadas em menções de colegas pesquisadores sobre fatos vivenciais a respeito da história de vida de Maria Helena, nas publicações de: Bolívar (2018); Pineau (2012); Delory-Momberger (2012a); e Catani (2014), já destacados em Frison (2018). Entendemos que os diversos sentidos de tempo/lugar poderão ser exemplificados na medida em que rememorarmos essas dimensões conceituais imbricadas no vivido da educadora, cruzando com referenciais teóricos pertinentes.

Para isso, retomamos o que dissemos anteriormente. Para entendermos temporalidade, passamos pelo tempo objetivo, tempo subjetivo, tempo da narrativa e tempo biográfico, implícitos nas questões teórico-metodológicas das (auto)biografias pontuadas por Maria Helena e construídas ao longo de sua trajetória

de vida. Analisaremos e conceituaremos esses tempos à luz de dimensões teórico-metodológicas pontuadas por ela, na interação com outros, mediante as quais percebemos existir uma espiral em um movimento constante de interação e emergência de sentidos.

Tempo objetivo: tempo cronológico, tempo dos registros

Em relação ao tempo de registro, destacamos que ele é construído por meio do diálogo, no ato da narrativa, na aproximação do sujeito que nos fala ou de alguém que fala a respeito dele, bem como de narrativas de outra natureza. Assim, nesse tempo de construção de informações para a escrita de uma história de vida, fizemos buscas por meio de entrevistas, contatos informais, filmagens, fotografias, documentos e observações do contexto. No caso de Maria Helena, nos debruçamos exaustivamente sobre seus escritos, em especial seu memorial, já citado, além de publicações suas e de outros autores que revelam fatos e momentos vividos por sua pessoa. Todo esse material circunscreve-se no tempo objetivo e nos revela muito do que essa pessoa pensa, vivencia, faz, impregnando-nos do que ela tem construído ao longo a vida.

É preciso dizer que os contatos, as entrevistas e a coleta de informações em geral abrangem muitas pessoas. Destacamos Maria Tereza e Laine – filha e irmã –, que amiúde estão presentes em momentos familiares, sociais e profissionais, acompanhando a caminhada de Maria Helena, nos agraciando com sua presença amiga e carinhosa em diversos eventos. Em muitos Congressos Internacionais de Pesquisa (Auto)Biográfica (Cipas), elas estiveram presentes e, na ausência delas, o neto Francisco a acompanhou, acreditando na teoria que ela defende. A presença de Maria Helena tem valor inestimável para pesquisadores que aden-

tram ao estudo e aprofundamento da pesquisa (auto)biográfica em fundamentos e práticas.

Nesse tempo de registro, destacamos que Maria Helena nasceu em 16 de fevereiro de 1938, na cidade de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul. Casou em 1962, em Santa Maria, e, em 1965, tornou-se mãe, na mesma cidade. Em 1991 e em 1995, tornou-se avó, já residindo em Porto Alegre; em 1962, tornou-se professora e, em 2015, aposentou-se. Desde 2015, integra o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Tempo subjetivo: práticas realizadas ao longo da trajetória

É um tempo que abrange a formação, o social, o cultural, marcados por dois eixos: pessoal e profissional. O tempo subjetivo pessoal de Maria Helena é demarcado por características que agregam delicadeza, amorosidade, generosidade, calma, sabedoria e gratidão. “Calma porque sabe dar ao outro o tempo necessário para que consiga chegar onde já ela está. Gratidão porque ao mesmo tempo em que acolhe é acolhida pelo grupo de amigos e profissionais da área.” (FRISON, 2018, p. 177). Educadora amorosa, pesquisadora de capacidade reconhecida, aberta à construção de novos trabalhos a serem realizados em parceria, estimula, incentiva e ajuda a quem a procura, pois acredita na realização de novas propostas de trabalho e abraça carinhosamente a todos os que buscam fazer pesquisas na área em que atua, dentre outras características. Em seu trabalho, Frison (2018, p. 182-199) indica que outros autores reafirmam tais características de Maria Helena, tais como Bragança, Honório Filho, Maffioletti, Erbs, Barreiro, Perez, Souza, Oliveira e Cunha.

Para salientar o tempo subjetivo afeto a lugar de realização, exemplificamos com alguns excertos de escritos sobre a expressividade do

I Cipa, por ela idealizado, organizado e presidido, iniciando com Pineau (2012, p. 139) ao enfatizar que:

Em 2004, Maria Helena Menna Barreto Abrahão socializava os trabalhos do I CIPA com o livro que intitulou: *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Ao promover teorias e práticas (auto)biográficas ainda emergentes e dispersas no nível epistêmico-metodológico das novas Ciências Humanas, Maria Helena dava prova de uma grande visão profética. Ela tinha vislumbrado através da biodiversidade, às vezes desnorteadora das comunicações, a amplitude sociocognitiva histórica da emergência social de um movimento de biografização vital para a formação humana.

De sua parte, Bolívar (2018, p. 7, tradução nossa) destaca que:

A história da pesquisa biográfica-narrativa no Brasil é marcada, na minha opinião, pela celebração do I CIPA (Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica), cujos trabalhos foram editados por Maria Helena Menna Barreto Abrahão em 2004, com o título inicial de 'A aventura (auto) biográfica: teoria e empírica'. Este primeiro congresso e livro se tornam o ato fundador, marcando um antes e um depois. [...] É para comemorar que, 18 anos após a publicação da primeira 'aventura', prossiga notando o amplo desenvolvimento que teve nessas décadas. Nenhum de nós, incluindo Maria Helena, poderia 'arriscar' que a tarefa empreendida teria essa longa jornada.¹

Catani (2014, p. 27) nos lembra que:

Em 2004, Maria Helena Menna Barreto Abrahão organizou o evento fundador da série que

hoje conhecemos como CIPA e que tanto tem produzido em termos da pesquisa (auto)biográfica. Dizia ela no livro, então lançado, contendo nossos trabalhos, do seu aprendizado intenso e de sua alegria ao criar a *A Aventura (Auto)biográfica: teoria e empiria*, temática do encontro e título do livro que ela organizou. Desde então, conhecemos a história do desenvolvimento dos trabalhos e pesquisas da área, história documentada pelas numerosas publicações que dão conta da proliferação de diversas perspectivas de análise evidenciando de modo muito promissor o que se delineou a partir da frutífera *Aventura* [...].

Nessa mesma linha, Frison (2018, p. 194), apresenta em seu texto o depoimento verbalizado por Souza, no qual recorda momento singulares vividos com Maria Helena:

Momento singular em que tive a honra de conhecer Maria Helena, quando ela organizava a obra 'A Aventura (Auto)biográfica: teoria e empiria' e que resultou na bela ideia que teve de criação e instalação da primeira edição do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) biográfica (CIPA), no ano de 2004, na PUCRS. De forma bastante generosa e elegante, como é peculiar a Maria Helena, fui convidado para colaborar com o livro e participar da fundação do movimento (auto)biográfico no Brasil, idealizado pela própria Maria Helena e que resultou numa significativa rede colaborativa de pesquisa, tendo como centralidade a organização das diferentes edições do CIPA, a Fundação da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica (BIOgraph) e, atualmente, a criação da Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica (RBPAB), tendo sempre Maria Helena como parceira.

Frison (2018, p. 194) destaca o que Souza pontua sobre as qualidades dessa ilustre educadora:

Inegavelmente, creditamos a Maria Helena, pelo ineditismo e capacidade de articulação, a criação e muito da consolidação do campo da pesquisa (auto)biográfica no Brasil e suas diferentes parcerias nacionais e internacionais. Seu pioneirismo, sua generosidade, inteligência e, sobremaneira, sua afetividade, deixam marcas

¹ "La historia de la investigación biográfico-narrativa em Brasil viene marcada, a mi juicio, por la celebración del I CIPA (Congreso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica) cuyas actas edita Maria Helena Menna Barreto Abrahão en 2004 con el título iniciático de 'A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria'. Este primer Congreso y libro viene a ser el acta fundacional, marcando un antes y después. [...]. Es para celebrar que, 18 años después de la publicación de la primera 'aventura', prociga constatando el amplio desarrollo que ha tenido en estas décadas. Ninguno de nosotros, incluida Maria Helena, podía 'aventurar' que la tarea emprendida iba a tener este amplio recorrido".

em todos nós sobre os modos próprios como nos constituímos um grupo e uma rede acadêmico-científica que vem sendo caracterizada pelas histórias, memórias [...].

Delory-Momberger (2012a, p. 9-11), ao prefiar a *Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica: temas transversais*, assim refere-se ao Cipa:

O CIPA que nasceu em Porto Alegre, em 2004, retorna a Porto Alegre, sob a mesma presidência de Maria Helena Menna Barreto Abrahão, oito anos depois. Esse retorno é a metáfora concreta de um ciclo que só se fecha para poder voltar-se sobre si mesmo e encadear um novo ciclo à semelhança do trabalho autobiográfico em sua dinâmica continuamente retrospectiva e prospectiva.

[...]

O I CIPA [...] dava sequência à publicação do livro coordenado por Maria Helena Menna Barreto Abrahão (2004) – *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria* – do qual retomava o título e os eixos temáticos. O Congresso respondia ao cuidado de pôr em comum reflexões recentes sobre a pesquisa (auto)biográfica e promover uma aproximação entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros. A gênese desse primeiro Congresso estava marcada por reflexões epistemológicas e metodológicas a respeito das pesquisas que utilizavam as histórias de vida e de sua implicação enquanto práticas de formação e de investigação científica.

Igualmente, Bragança faz um depoimento sobre a autora que foi publicado no artigo de Frison (2018, p. 203), situando a realização do I Cipa:

O caminho de pesquisa trilhado pela professora no campo (auto)biográfico a levou à organização de uma obra coletiva sobre essa abordagem de pesquisa, contando com a participação de pesquisadores brasileiros e estrangeiros de grande referência. Foi, então, que a partir do livro *A Aventura (Auto)Biográfica – teoria e empiria* (ABRAHÃO, 2004), sob sua organização, na PUCRS, realizou-se o I Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (I CIPA). Congresso, este, que abriu caminhos para consolidação

da produção brasileira na área em diálogo com a produção internacional.

O tempo subjetivo profissional é trilhado por ela impregnado de experiência, com forte adensamento na investigação e no aprofundamento teórico. Esse tempo traz em si três outras dimensões que configuram a atuação profissional dessa educadora. As dimensões pontuadas são: 1. práticas de formação pessoal; 2. práticas de formação profissional; e 3. práticas de construção e redimensionamentos teóricos.

Práticas de formação pessoal

Essas práticas instigam o desenvolvimento de atividades e experiências de aprendizagens, metodologias, instrumentos e propostas de trabalho construídos a partir das vivências ao longo dos anos de sua escolaridade, as quais contribuíram para o desenvolvimento de competências autorregulatórias, principalmente quando estas estiveram vinculadas a ambientes de aprendizagem escolar e acadêmica. Mas não somente, pois referem-se também a aprendizagens voltadas a cada novo desafio ao participar de novas e diferenciadas atividades em diversificados tempos, lugares da vida e formações profissionais.

Maria Helena é bacharel e licenciada em Letras Anglo-Germânicas, com formação em 1961 e 1962, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Coursou diversos programas de especialização. É mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), formada respectivamente em 1979 e 1989.

Práticas de formação profissional

As práticas de formação profissional instigam as pessoas a conseguirem, por meio da narrativa, da reflexão crítica, atingir a (auto) formação, o que possibilita ao sujeito ser

mais autônomo, estratégico e motivado para aprender.

Nesse sentido, Maria Helena, que vive sempre muito dividida com compromissos de trabalho, sociais e familiares, dedicou-se fortemente à vida profissional. Foi e tem sido muito determinada, atingindo um nível profissional que marca fortemente sua existência. Destacamos que o fez não para se superar ou mostrar sabedoria, mas porque é dela a vontade de investigar, de inovar, de criar, o que a faz passar muitas horas diárias e finais de semana estudando, escrevendo pareceres, livros, artigos e uma série de outros trabalhos com os quais está envolvida. Para ela, isso não é sofrimento; é satisfação, superação, alegria e crescimento. Além disso, sempre se dedicou a formar pessoas, acreditando que é possível fazer o outro avançar. Esse fato tem sido uma marca característica dessa educadora (FRISON, 2018).

Com este preâmbulo, apresentamos a seguir, mesmo que muito sucintamente, alguns pontos que demarcaram a dimensão prática de formação profissional de Maria Helena.

Lecionou, em Santa Maria, Língua Inglesa nos antigos cursos ginasial e científico em escolas da rede estadual e da rede particular de ensino, além de turmas de conversação em Língua Inglesa no Cultural Americano (turma especial) e no Yázigi, bem como na própria universidade. Em 1967, em Porto Alegre, foi convidada para integrar a equipe técnica do Departamento de Ensino Médio da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, onde atuou até 1970. Em 1971, foi assessora especial do Conselho Estadual de Educação do Estado do Rio Grande do Sul. De 1972 a 1976, como integrante da Equipe Técnica de Currículos, Programas e Métodos, do Departamento de Ensino Médio da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, desenvolveu atividades técnicas elaborando projetos de planejamento e desenvolvimento curricular

em escolas da rede estadual paulista.

Retornando a Porto Alegre em 1977, voltou ao Conselho Estadual de Educação, onde foi assessora especial da Assessoria Técnica, coordenando duas assessorias: a da Comissão de Planejamento e a da Comissão de Ensino de Segundo Grau e Superior. Nos anos próximos da aposentadoria no Sistema Estadual de Ensino (1988), chefiou a Assessoria Técnica do Conselho Estadual de Educação. Em março do mesmo ano, iniciou docência, orientação e pesquisa no PPGE da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), onde atuou por 25 anos. Atualmente, integra o Núcleo Permanente do PPGE da UFPel.

Práticas de construção e redimensionamentos teóricos

As práticas de construção e redimensionamentos teóricos estão impregnadas na história de vida de Maria Helena, reveladas por meio de narrativas, relatos, ações e estratégias autorregulatórias realizadas durante os diversos períodos de tempo, à frente de contextos de formação de outras pessoas, buscando promover o desenvolvimento de competências e de aportes teóricos que contribuíram para o aprofundamento de teorias com as quais está envolvida.

Maria Helena revela, em sua história de vida, aprimorada sintonia com dimensões epistemológicas e metodológicas que permeiam a investigação (auto)biográfica em histórias de vida e em pesquisa-formação, operando, dessa forma, em relação aos trabalhos que realiza, o que se evidencia nas publicações deles decorrentes. Essa parte de sua história de vida é densa e tem, ao longo dos anos, diversificadas publicações sobre a teoria que estuda; escreve, apresenta-a em periódicos e livros nacionais e internacionais, sem falar nas

muitas bancas e conferências que realiza em eventos científicos.

Neste momento, destacamos que sua atuação profissional esteve inicialmente voltada a sistemas de ensino fundamental e médio. Posteriormente, dedicou-se ao ensino superior e à pesquisa. Sobre a metodologia de trabalho, sempre mostrou dedicação para com a formação das pessoas, aprofundando e ampliando diferentes metodologias de investigação, renovando e adensando dimensões epistêmico-metodológicas com as quais opera. Durante essa trajetória e ainda no momento presente, dedica-se ao estudo acadêmico, com ênfase em modos operativos qualitativos, marcados por fazeres que, antes de se configurarem como brusca ruptura epistemológico-empírica com modos de pensar e agir em pesquisas à época da formação/início da carreira profissional, repercutem como um movimento em espiral ascendente do entendimento de teoria da ciência e da humana formação, bem como da consequente prática em pesquisa (ABRAHÃO, 2018a).

Em texto, revela que, inicialmente, aprendeu a “operar e a desenvolver educação com a tônica teórica e prática eminentemente tecnicistas, especialmente porque de formação contemporânea aos anos 70” (ABRAHÃO, 2018a, p. 297). Continua assinalando que, com o tempo e praticamente por intuição, no início, e solidificando essa intuição com estudo e pesquisa, passa a operar com uma metodologia mais compreensiva, hermenêutica e qualitativa, sem deixar de ter rigorosidade teórico-prática, voltada ao paradigma do sensível, mediante o método (auto)biográfico (ABRAHÃO, 2018a).

Maria Helena tem se desafiado a pesquisar e a publicar, além de textos tratando de epistemologia em pesquisa (auto)biográfica, a organização de livros sobre destacados educadores em história de vida (ABRAHÃO, 2001, 2004b, 2008, 2013), que homenageiam 60 educadores

sul-rio-grandenses, e livros com a participação em rede nacional de grupos de pesquisa sediados em universidades de diversos estados brasileiros, que homenageiam 17 destacados educadores do país (ABRAHÃO, 2016c, 2018d). Essas contribuições revelam a preocupação com o adensamento das questões epistêmicas e práticas da teoria na qual tem se debruçado.

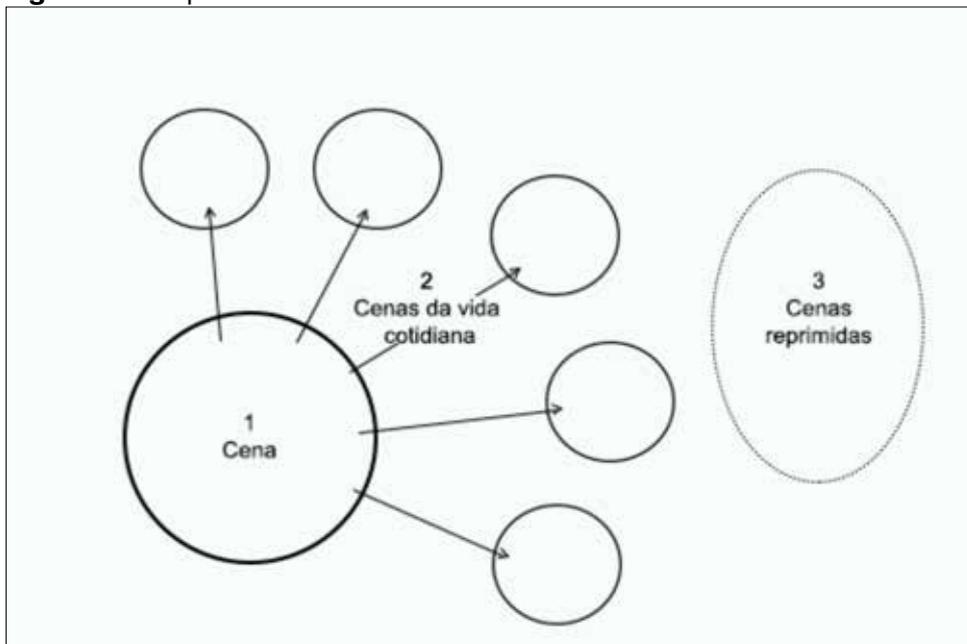
Redimensionamentos teóricos

Desde o início de 1988, Maria Helena investe em alternativas metodológicas para construir e analisar histórias de vida, encontrando os textos publicados por Santamarina e Marinas, desde 1994, nos quais se indica uma possibilidade de análise dos relatos produzidos por solicitação de um pesquisador, tendo a intenção de construir uma memória, pessoal ou coletiva, em um determinado período histórico.

Maria Helena destaca que o fato de operar mais especialmente com apoio metodológico em Santamarina e Marinas (1994) e Marinas (2007) oportunizou pensar as histórias de vida mediante cenas inseridas em um sistema, “de tal modo que, sem serem desvinculadas do momento da enunciação ou do enunciado, as tratamos como histórias do sujeito da narração que se constroem desde dentro dos condicionantes micro e macroestruturais do sistema social” (ABRAHÃO 2018a, p. 312). Essas histórias, organizadas em cenas, permitem construir um esquema de interpretação que exige uma leitura articulada de cenas do vivido ocorridas no momento da enunciação, com as cenas narradas do cotidiano, sem desprezar aquelas que possam ter sido esquecidas ou reprimidas pelo narrador. A essa metodologia, Santamarina e Marinas (1994) denominaram de compreensão cênica. Abrahão (2016a) adensa esse recorte no texto publicado por ela.

Marinas (2007) representa a compreensão cênica a partir de três cenas:

Figura 2 – Compreensão cênica

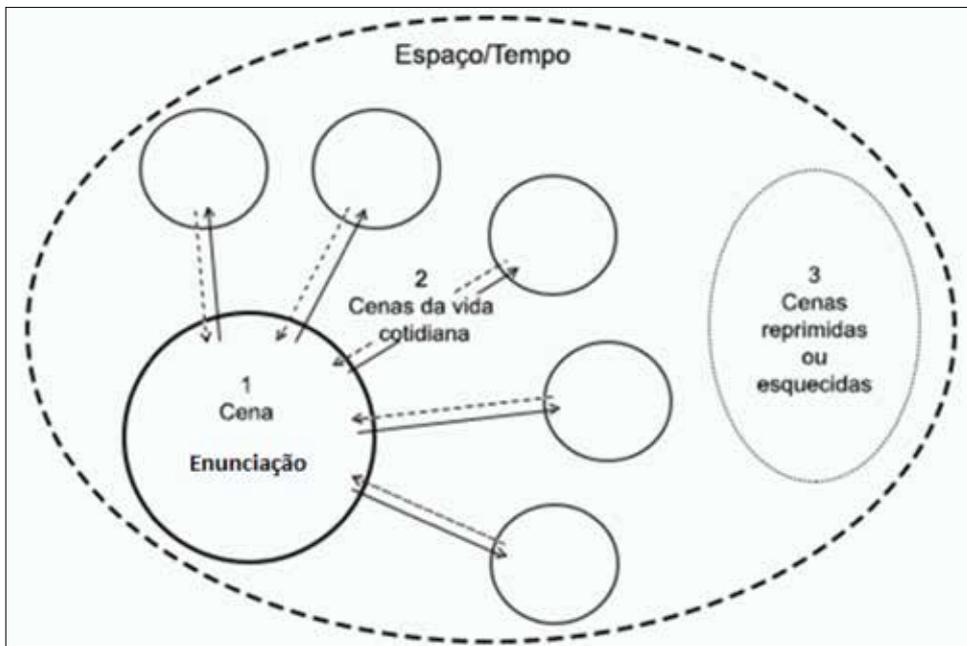


Fonte: Marinas (2007, p. 118).

Maria Helena, a partir da compreensão cênica representada por Marinas (2007), aplica nas dimensões marinianas (ABRAHÃO, 2016a) um

sistema espaçotemporal em que as cenas da vida cotidiana apresentam uma dinâmica em que as cenas 1 e 2 retroalimentam-se (Figura 3).

Figura 3 – Compreensão cênica, reinterpretação do constructo



Fonte: Abrahão (2016a, p. 43).

Abrahão (2016a, p. 30) destaca que a história de vida é uma elaboração subjetiva, pois, ao narrar sua própria trajetória, o sujeito “(re)significa o vivido, pelo esforço de trazer os

acontecimentos à memória, sopesando uns, destacando outros, esquecendo ou reprimindo alguns”. Ratifica que dois construtos são de fundamental importância para esse processo,

a palavra dada e a escuta (MARINAS, 2007). A escuta se refere ao processo de ouvir o outro atentamente e com envolvimento. A palavra dada exige vínculo entre o que narra e o que “escuta”, se constituindo de valores éticos e rigor metodológico. Portanto, “é na relação da palavra dada e a escuta atenta que é possível a construção de uma história de vida” (ABRAHÃO, 2016a, p. 30).

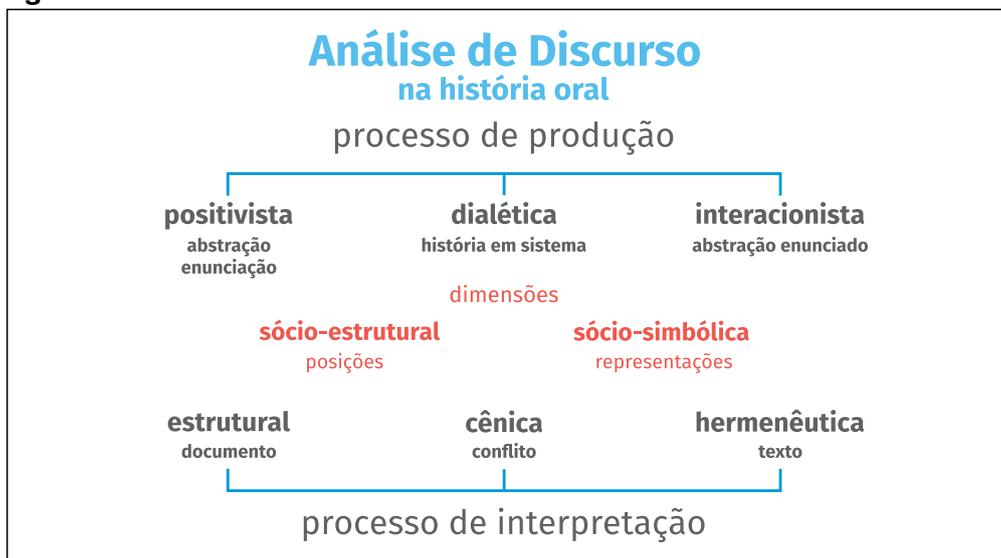
Com essa concepção teórica, Maria Helena projeta diversificadas relações e imbricações, (re)configuradas entre a cena 1 e a 2, o que possibilita entender que essas “cenas se constroem segundo tempos e espaços biográfico narrativos e se interfertilizam para uma compreensão sistêmica mais orgânica do fenômeno de nossa atenção”. Ela afirma que vem operando com essa metodologia de produção de informações (ABRAHÃO, 2014a, p. 58).

Marinas (2007) destaca que é no circuito da palavra dada que se tem a noção de escuta, a qual respeita uma trama particular que, na

estrutura da narrativa, torna possível aceder as “cicatrices do relato concreto que estamos escutando” atentamente e perscrutar indícios, ainda que *a priori* possam parecer insignificantes. É isso que nos faz apreciar os (in)significantes no material de que se dispõe e do qual “são feitas as biografias” (MARINAS, 2007, p. 27). Portanto, é esse circuito narrativo que, na relação entre palavra dada e escuta, torna-se “crucial para a construção de uma história de vida” (ABRAHÃO, 2014a, p. 62).

Abrahão (2016a), mais especificamente quanto à metodologia de análise proposta por Marinas (2007), explicita que, diferentemente de uma interpretação de fundamento estruturalista, com base no documento, bem como de uma interpretação hermenêutica, com base no texto, o modelo mariniano adota uma interpretação socioestrutural e sociossimbólica baseada em posições e representações em conflito. Essa acepção pode ser visualizada na Figura 4.

Figura 4 – Análise do discurso em história oral



Fonte: adaptado de Marinas (2014, p. 46).

Abrahão (2018a) esclarece que adota esse modelo apenas em parte por não considerar que a interpretação na concepção cênica possa prescindir da hermenêutica, além de não visualizar incompatibilidade na conjunção desses modos compreensivos. Portanto, opera

conjugando a compreensão cênica com a compreensão hermenêutica aprendida em Ricoeur (2002). Ademais, especifica que a compreensão cênica não trabalha com interpretação de imagens, em especial fotografias e filmes, suportes com os quais ela também opera na qua-

lidade de fontes, além das narrativas escritas ou orais (ABRAHÃO, 2014b, 2018a, 2018b). Nesse caso, dentre outros autores, opera especialmente com semiótica fundamentada em Barthes (1970, 1984) e Benjamin (1994), em relação à interpretação de fotografias, e Santaella e Nöth (2010) e Loizos (2002), em relação à interpretação de filmes (ABRAHÃO, 2018a, 2018b).

Dentre as dimensões conceituais com as quais trabalha, destacam-se identidade narrativa (RICOEUR, 1990), espaço-tempo narrativo (RICOEUR, 1995), memória e história (RICOEUR, 2007); *studium* e *punctum* (BARTHES, 1984); e (re)invenção da personagem (ABRAHÃO, 2016b, 2018c).

Nesse processo, Maria Helena nos mostra o caminho que vem trilhando nos últimos 20 anos ao investigar histórias de vida tendo como base a síntese do heterogêneo, a alteridade na construção da identidade narrativa, o espaço-tempo da narratividade (auto)biográfica, o *punctum* e o *studium* analíticos, a (re)invenção da personagem, a compreensão cênica, a palavra dada, a escuta atenta. A escuta atenta, compreensiva, sem preconceitos, sem fragmentação, revela caminhos traçados por destacados educadores brasileiros, especialmente sul-rio-grandenses, e por alunos em Seminários de Investigação-Formação, cujas narrativas acolhe ao publicar seus livros. Assim, segue investindo no circuito do narrar.

A autorregulação da aprendizagem é um constructo sobre o qual Maria Helena, como já referido, tem se debruçado e investido, em parcerias com Frison e Veiga Simão (ABRAHÃO; FRISON, 2010, 2012; FRISON, ABRAHÃO, 2019; FRISON; VEIGA SIMÃO; ABRAHÃO, 2012; VEIGA SIMÃO; FRISON, ABRAHÃO, 2012), pesquisando e publicando artigos e apresentando trabalhos que destacam a importância de as pessoas aprenderem a autorregular suas ações, suas propostas de trabalho, principalmente num contexto como este em que estamos viven-

do, no qual estamos sempre sendo pressionados em relação a tempo. Nos últimos anos, esse tema tem sido trabalhado e apresentado também nos Cipas, em especial quando, em 2012, em Porto Alegre, lançamos o livro que tem como título *Autorregulação da aprendizagem e narrativas autobiográficas: epistemologia e práticas* (VEIGA SIMÃO; FRISON; ABRAHÃO, 2012), no qual descrevemos experiências profissionais que reverberam como o sujeito aprende, como ensina e como faz para potencializar seu processo de aprendizagem.

Abrahão e Frison, em 2019, ministraram, no PPGE da UFPel, um seminário avançado intensivo denominado “Biografização: narrativas de (auto)formação e autorregulação da aprendizagem em processos reflexivos na formação da professoralidade de professores”. O Seminário teve a intenção de promover estudos sobre narrativas de (auto)formação como uma abordagem metodológica de investigação-formação, visando a adensar, mediante exercícios de biografização, a compreensão de processos de autorregulação da aprendizagem na formação da professoralidade. Esse seminário intensivo permitiu, além de aumentar o conhecimento que cada um tem de si, contribuir para a compreensão de como é possível autorregular processos pessoais para ensinar e aprender ao longo da vida. Dessa forma, os envolvidos pensaram em seus processos, destacando, à luz da teoria, tempo e lugar autorregulatórios implícitos nas suas narrativas de história de vida. Para partilhar algumas ideias sobre o constructo da autorregulação, descrevemos o tempo autorregulatório e suas dimensões.

Tempo autorregulatório e suas dimensões

Nesse tempo, entendemos que o sujeito relata as escolhas que faz em sua trajetória. Essas

escolhas têm uma abordagem multidimensional, pois nelas estão implícitas emoções, sentimentos, cognição, metacognição, motivação e comportamento relacionados aos processos de vida pessoal/profissional, desencadeados em um contexto específico. Esses processos incluem diferentes competências que ajudam a autorregular algumas questões vitais, como a tomada de decisão, sua intencionalidade e o controle desse fazer.

No Quadro 1, pontuamos algumas questões da abordagem multidimensional da autorregulação da aprendizagem, as quais oferecem suporte para a tomada de decisão. Designamos essas ações como “graus efetivos de liberdade”, conforme destaca Veiga Simão (2012a, p. 133), os quais cada sujeito assume ao conduzir sua vida. Essas indagações foram apresentadas pela primeira vez por Zimmerman e Risemberg (1997) e, posteriormente, (re)publicadas por Zimmerman (2009).

As dimensões psicológicas relacionadas à abordagem multifuncional da autorregulação são:

1. o *porquê*: que motivos eu tenho para

fazer o que faço?;

2. o *como*: que métodos tenho utilizado ao longo de minha vida, os quais são retomados nas narrativas de histórias de vida?;
3. o *quando*: encontramos a gestão do tempo e, com ele, explicamos em que tempo algo aconteceu;
4. o *quê*: explicitamos nossos desempenhos, independentemente de como eles foram vividos;
5. o *onde*: o lugar, o ambiente, o espaço onde tudo aconteceu, acontece e acontecerá (passado, presente e futuro articulados); e
6. o *com quem*: são os relatos de partilhamento, de quem temos referências, nossos modelos de aprendizagem, além de ser para quem podemos pedir ajuda.

O contexto social é que pode ser favorável ou desfavorável, mas as ações de “graus efetivos de liberdade” fazem parte das escolhas pessoais/profissionais feitas ao longo da vida. Essas dimensões podem ser melhor visualizadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Dimensões conceituais psicológicas para autorregular o aprender

Perguntas científicas	Dimensões psicológicas	Requisitos da tarefa	Atributos autorreguladores	Processos autorreguladores
Por quê?	Motivo	Escolher participar	Intrinsecamente ou automotivado	Estabelecimento de objetivos, autoeficácia, valores, atribuições etc.
Como?	Método	Escolher o método	Planejado ou autorregulado	Utilização de estratégias, relaxamento etc.
Quando?	Tempo	Controlar o tempo	Eficiente na gestão do tempo	Planejamento, gestão do tempo etc.
O quê?	Realização	Controle sobre a realização	Autoconsciente da realização e dos resultados	Automonitorização, autojulgamento, controle da ação, volição etc.
Onde?	Ambiental	Controle físico da situação	Ambientalmente receptivo e com recursos	Organização e estruturação do ambiente
Com quem?	Social	Controle do meio social	Socialmente receptivo e com recursos	Seleção de modelos, procura de ajuda etc.

Fonte: adaptado de Zimmerman e Risemberg (1997) e Zimmerman (2009).

Essas dimensões são definidas como componentes da autorregulação que impulsionam os sujeitos à tomada de decisão, estando implícitos os motivos, o método, o tempo, as questões de controle sobre as decisões tomadas, as quais regulam o processo de aprender e ensinar (VEIGA SIMÃO; FRISON, 2013).

As perguntas indicadas no Quadro 1 contribuem para o entendimento de que o sujeito, ao narrar sua história de vida reflexivamente, utiliza atributos autorregulatórios (VEIGA SIMÃO, 2012b). Explica como faz o que faz, se está motivado, por que planeja, o que planeja fazer e como gasta seu tempo para dar conta do que se propõe fazer.

As narrativas (auto)biográficas estão impregnadas por aportes autorregulatórios, uma vez que os sujeitos optam por estratégias para se (auto)organizar, definem metas que lhes permitem pensar sobre seu fazer e controlam processos cognitivos, metacognitivos e motivacionais, de modo a se tornarem mais ativos e autônomos durante sua atuação e processo de vida. Esse pensar sobre aquilo que é dito nas narrativas influencia diretamente a mudança e a revisão que a pessoa faz para aprender a redimensionar o próprio fazer.

Percebemos, assim, um forte elo entre história de vida e autorregulação da aprendizagem, o que oportuniza desafios crítico-reflexivo-transformadores consistentes. A natureza crítica reflexiva da narrativa contribui, pois o passado com olhos do presente permite prospectar o futuro (RICOEUR, 1995, 2007). Nessa lógica, a autorregulação da aprendizagem contribui para desencadear processos pessoais, profissionais e relacionais ativados pela reflexão, possibilitando encontrar significado e sentido em distintas situações e estimulando a autorregulação do pensar sobre e do aprender a aprender (ABRAHÃO; FRISON, 2012; FRISON; VEIGA SIMÃO, 2011).

Sob essa ótica, a formação e a atividade profissional de Maria Helena têm sua perspectiva centrada também na capacidade de refletir ao projetar ensinamentos e o faz desencadeando a consciência do sentido que essa prática adquire no conjunto do social.

Sintetizando algumas compreensões

Por meio da pesquisa em histórias de vida, percebemos como os educadores revelam seus processos de aprendizagem e, ao narrarem, reafirmam que redimensionam suas convicções, na forma de compreender a si e ao mundo.

Nessa direção, as histórias de vida justificam-se no processo de formação, pois estimulam os sujeitos a pensarem sobre o vivido, uma vez que a narrativa (auto)biográfica resulta da rememoração com reflexão sobre lembranças e situações narradas, que, em seu desvelar, revelam fatos permeados de sentido para o narrador. O narrador, ao lembrar e elaborar sua narrativa, torna-se consciente de que a reflexão empreendida é elemento importante para a compreensão da própria formação. As histórias de vida revelam fatos pessoais afetos ao contexto sociopolítico-cultural do narrador, enunciados na esteira tridimensional espaço-temporal, na qual passado, presente e futuro se inter-relacionam. Esse fato é observado na história de vida de Maria Helena, destacando que nela há entrelaçamento entre teoria, metodologia, formação, autoformação e autorregulação da aprendizagem, uma vez que esses aportes ensejam reviver o passado e, ao mesmo tempo, estar no presente prospectando o futuro, o que nos propiciou as compreensões narradas neste texto.

Neste texto sobre histórias de vida, entrelaçamos as experiências pessoais de Maria Helena, compreendendo que a arte de narrar sua

vida constitui-se como uma possibilidade de envolver o outro, nos transformando, nos enlaçando em sua história.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Do paradigma tecnicista à aventura (auto)biográfica – narrativa de uma pesquisadora em educação. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (org.). **A nova aventura (auto)biográfica** – Tomo II. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018a. p. 293-340.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. A aventura do diálogo (auto)biográfico: narrativa de si/narrativa do outro como construção epistemo-empírica. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; Da CUNHA, Jorge Luiz; VILLAS BÔAS, Lúcia. (org.). **Pesquisa (auto)biográfica**: diálogos epistêmico-metodológicos. Curitiba: CRV, 2018b. p. 25-49.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Reinventando a personagem de uma história que tinha tudo para não dar certo: Carlos Nelson dos Reis. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **Memórias, identidades, experiências** ...Destacados Educadores Brasileiros em Histórias de Vida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018c. p. 43-70.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **Memórias, identidades, experiências**...destacados educadores brasileiros em Histórias de Vida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018d.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Intencionalidade, reflexividade, experiência e identidade em pesquisa (auto)biográfica: dimensões epistemo-empíricas em narrativas de formação. *In*: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FERREIRA, Márcia Santos (org.). **Perspectivas epistemo-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Curitiba: CRV, 2016a. p. 29-50.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. A (re)invenção da personagem - revisitando a história de vida de uma destacada educadora sul-rio-grandense mediante leitura de fontes imagéticas. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.) **Destacados educadores brasileiros**: suas histórias, nossa história.

Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016b. p. 263-286.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **Destacados educadores brasileiros**: suas histórias, nossa história. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016c.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Fontes orais, escritas e (áudio)visuais em pesquisa (auto)biográfica: palavra dada, escuta atenta, compreensão cênica. O studium e o punctum possíveis. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ARAÚJO, Mairce da Silva (org.). **Pesquisa (auto)biográfica, fontes e questões**. Curitiba: CRV, 2014a. p. 57-77.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Fuentes visuales y audiovisuales en la investigación (auto)biográfica - notas teóricas y metodológicas. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BOLÍVAR, Antonio (org.). **La investigación (auto)biográfica en educación**: miradas cruzadas entre Brasil y España. Granada: Editorial Universidad de Granada; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014b. p. 142-173.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **Memórias memoráveis**: educadores sul-rio-grandenses em histórias de vida. Porto Alegre: EDIPUCRS/Ed. IPA, 2013.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Narrativas de autoformação: escritas de si, autorregulação da aprendizagem e reflexividade na prática pedagógica. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **Pesquisa (auto)biográfica em rede**. Natal/Porto Alegre/Salvador: EDUFRN/EDIPUCRS/EDUNEB, 2012a. p. 141-163.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; PASSEGGI, Maria Conceição. As narrativas de formação, a Teoria do Professor Reflexivo e a autorregulação da aprendizagem: uma possível aproximação. *In*: VEIGA SIMÃO, Ana Margarida; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo.; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **Autorregulação da aprendizagem e narrativas autobiográficas**: epistemologia e práticas. Natal/Porto Alegre/Salvador: EDUFRN/EDIPUCRS/EDUNEB, 2012b. p. 53-71.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON,

- Lourdes Maria Bragagnolo. Narrativas (auto)biográficas de formação e o entrelaçamento com a autorregulação da aprendizagem. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **(Auto)biografia e formação humana**. Natal/Porto Alegre: EDUFRN/EDIPUCRS, 2010. p. 191-216.
- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **Educadores sul-rio-grandenses**: muita vida nas histórias de vida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto)biográfica - tempo, memória e narrativas. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (org.). **A aventura (auto) biográfica**: Teoria e Empíria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004a.
- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **Identidade e vida de educadores rio-grandenses**: narrativas na primeira pessoa (...e em muitas outras). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004b.
- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **História e histórias de vida**: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. Madrid: Comunicaci3n, 1970.
- BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense. Obras Escolhidas, 1994. p. 91-107.
- BOLÍVAR, Antonio. Prefácio. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **A nova aventura (auto) biográfica** – Tomo II. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. p. 7-27.
- BOLÍVAR, Antonio. Metodología de la investigación biográfico-narrativa: recogida y análisis de datos. *In*: PASSEGGI, Maria Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.) **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica** – Tomo. II Porto Alegre: EDIPUCRS; Natal: EDUFRN, Salvador: EDUNEB, 2012. p. 79-109.
- CATANI, Denice Barbara. Ficções teóricas e ficções (auto)biográficas: elementos para uma reflexão sobre ciência e formação no campo educacional. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ARAÚJO, Mairce da Silva (org). **Pesquisa (auto)biográfica**: fontes e questões. Curitiba: CRV, 2014. p. 27-37.
- DELORY-MOBERGER, Christine. “De onde viemos? O que somos? Para onde vamos?”. Prefácio. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; PASSEGGI, Maria Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino (orgs.). **Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica: temas transversais**. Natal/Salvador/Porto Alegre: EDUFRN/ EDUNEB/EDIPUCRS, 2012a.
- DELORY-MOBERGER, Christine. A pesquisa biográfica; projeto epistemológico e perspectivas metodológicas. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; PASSEGGI, Maria Conceição (org.). **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica** – Tomo I. Natal, Porto Alegre, Salvador: EDUFRN/EDIPUCRS/EDUNEB, 2012b. p. 71-91.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**. São Paulo: Paulus, Natal: EDUFRN, 2008.
- FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Compreensão Cênica: possibilidades interpretativas de narrativa de (auto) formação de ex-pibidianas. **Educação em Pesquisa**, São Paulo, v. 45. p. 1-17, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1678-4634201945190102>. Acessado em: 10/09/2019.
- FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Encontro com Maria Helena Menna Barreto Abrahão - tempo, memória, lembranças de histórias vividas. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **Memórias, identidades, experiências** ... Destacados Educadores Brasileiros em História de Vida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. p. 175-215.
- FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Narrativas de si e autorregulação da Aprendizagem. *In*: BARREIRO, Cristhianny Bento; CASTRO, Beatriz Helena Viana (Orgs.). **Narrativas e pesquisa em educação**. CRV, Curitiba, 2017. p. 21-38.
- FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; VEIGA SIMÃO,

Ana Margarida; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). Estratégias autorregulatórias para mediar os processos de ensino e de aprendizagem. **Educação**. (UFPEL. Dossiê), v. 1, n. 42, 2012. Disponível em: doi: <http://dx.doi.org/10.15210/caduc.v0i42>. Acesso em: 10 set. 2019.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; VEIGA SIMÃO, Ana Margarida. Abordagem (auto)biográfica: narrativas de formação e de autorregulação da aprendizagem reveladas em portfólios reflexivos. **Educação**, Porto Alegre, 34 (2), p. 198-206, 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8705>. Acesso em: 20 set. 2019.

HONÓRIO FILHO, Wolney; ERBS, Rita Tatiana Cardoso. Temporalidade biográfica nas Histórias de Vida. In: SOUZA, Elizeu Clementino; VICENTINI, Paula Perin; CELI Lopes (org.). In: **Vida, narrativa e resistência**: biografização e empoderamento. Curitiba: CRV, 2018. p. 233-250.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: EDUCA, 2002.

LOIZOS, Peter. Vídeo, Filme e Fotografias como Documentos de Pesquisa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 137-155.

MARINAS, José Miguel. Lo inconsciente en las historias. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ARAÚJO, Mairce da Silva (org.). **Pesquisa (Auto)Biográfica, fontes e questões**. Curitiba: CRV, 2014. v. 1, p. 39-55.

MARINAS, José Miguel. **La escucha en la historia oral**. Palabra dada. Madrid: Editorial Síntesis, 2007.

PASSEGGI, Maria Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; DELORY-MOMBERGER, Christine. Reabrir o passado, inventar o devir: a inenarrável condição biográfica do ser. In: PASSEGGI, Maria Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica** – Tomo II. Natal/Porto Alegre/Salvador: EDUFRRN/EDIPUCRS/EDUEB, 2012. p. 29-57.

PINEAU, Gaston. A tríplice aventura (auto)biográfica:

a expressão, a socialização e a formação. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Tomo I. Natal/Porto Alegre/Salvador: EDUFRRN/EDUNEB/EDIPUCRS, 2012. p. 139-158.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2007.

RICOEUR, Paul. **Del texto a la acción**. Ensayos de Hermeneùtica II. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Papi-rus, 1995. Tomo II.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Campinas: Papi-rus, 1990.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2010.

SANTAMARINA, Cristina; MARINAS, José Miguel. Historias de vida y historia oral. In: DELGADO, Juan Manuel; GUTIÉRRES, Juan **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. Madrid: Editorial Síntesis, 1994. p. 255-287.

SOUZA, Elizeu Clementino. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 135-148.

VEIGA SIMÃO, Ana Margarida; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Autorregulação da aprendizagem: abordagens teóricas e desafios para as práticas em contextos educativos. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v.45, p. 2-20, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/3814>. Acesso em: 25 set. 2019.

VEIGA SIMÃO, Ana Margarida. Entrelaçar experiências narrativas com a autorregulação da aprendizagem. In: Abrahão. Maria Helena Menna Barreto. **Pesquisa (auto)biográfica em rede**. Natal: EDUFRRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012a. p. 113-140.

VEIGA SIMÃO, Ana Margarida. O valor da estimulação da recordação no desenvolvimento de práticas docentes reflexivas. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo (org.). **Práticas docentes e práticas de(auto)formação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012b. p. 120-144.

VEIGA SIMÃO, Ana Margarida; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **Autorregulação da aprendizagem e narrativas autobiográficas: epistemologia e práticas**. Natal/Porto Alegre/Salvador: EDUFRRN/EDIPUCRS/EDUNEB, 2012.

ZIMMERMAN, Barry. Self-regulation: Where metacognition intersect. *In*: Hacker, Douglas; DUNLOSKEY, John; GRAESSER, Arthur. **Handbook of metacognition in education**. Ney York: Routledge, 2009. p. 299-316.

ZIMMERMAN, Barry; RISEMBERG, Rafael. Self-regulatory dimensions of academic learning and motivation. *In*: Gary Phye (ed.), **Handbook of academic learning**. San Diego, CA: Academic Press, 1997. p. 105-125.

Recebido em: 26.10.2019

Revisado em: 31.03.2020

Aprovado em: 02.04.2020

Ana Margarida da Veiga Simão é Professora catedrática na Faculdade de Psicologia (FP) da Universidade de Lisboa (UL). Coordenadora da área de especialização e do Doutoramento Interuniversitário em Psicologia da Educação. Investigadora no Centro de Investigação em Ciência Psicológica da FP-UL. Investigação em autorregulação da aprendizagem, desenvolvimento profissional de professores, *bullying e cyberbullying*. Site: www.peo.psicologia.ulisboa.pt. E-mail: am-simao@psicologia.ulisboa.pt

Lourdes Maria Bragagnolo Frison é Pedagoga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), professora associada do Departamento de Fundamentos da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa da Aprendizagem Autorregulada (Gepaar), credenciado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Bolsista de Produtividade em Pesquisa (PQ-2) do CNPq. E-mail: frisonlourdes@gamil.com